

Nome: Carla Moscatelli Esmerio

Telefone: (51) 9689-6009

E-mail: carlinhame@brturbo.com.br

Vínculo institucional: Agente socioeducadora da Unidade C, da FASE/RS
Comunidade Socioeducativa – Porto Alegre/RS –
Bairro Cristal

Biografia: Bacharel em Ciências Sociais, formada pela PUC/RS
em 1986

COMO AS CULTURAS INSTITUCIONAIS DIRECIONAM O COMPORTAMENTO DOS ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

RESUMO:

As culturas institucionais estabelecem uma série de valores, atitudes e convívio totalmente particulares dentro do que Erving Goffman intitula instituições totais. Dentro de uma instituição prisional para adolescentes em conflito com a lei, cumprindo medida socioeducativa, há toda uma série de condutas que são típicas do funcionamento destas instituições. Algumas delas serão esplanadas neste trabalho de fundamentação teórica, buscando uma melhor compreensão do cotidiano institucional e seus efeitos na vida dos adolescentes.

Palavras-chave: Instituição Prisional. Adolescentes.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa insere-se na área de sociologia do conhecimento e se propõe a fazer um estudo teórico a cerca da instituição Fundação de Atendimento Socioeducativa (FASE/RS), na casa Comunidade Socioeducativa (CSE). Ao longo de nove anos de trabalho alguns aspectos da dinâmica institucional foram chamando atenção, constituindo-se então em elementos que nortearão a reflexão proposta neste estudo.

Inicialmente, com o intuito de facilitar a compreensão do texto, faremos uma breve descrição da instituição. Esta se constitui de cinco unidades, uma de Internação com Possibilidade de Atividades Externas (ICPAE), onde os adolescentes da faixa etária de 15 a 21 anos realizam atividades dentro da instituição de segunda a sexta-feira, também sendo deslocados para cursos e projetos de inserção no mercado de trabalho e passam os fins de semana em suas casas. Há quatro unidades de Internação Sem Possibilidade de Atividades Externas (ISPAE), com público de igual faixa etária. Os adolescentes têm assistência 24 horas dos agentes socioeducadores, quatro refeições diárias fornecidas por uma empresa de alimentos, monitoradas por nutricionistas, sendo ainda fornecido algum tipo de dieta especial, quando necessária, assistência médica e odontológica dentro da casa e, se for necessário, em órgão hospitalar, psicólogo, psiquiatra, dentista, assistente social, assistência jurídica e todo o respaldo legal instituído pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) (BRASIL, 1990).

As unidades possuem uma série de rotinas a serem seguidas a fim de que as necessidades de boa convivência social e as necessidades sejam assistidas. Há horários

determinados para atividades tais como: despertar, higiene bucal, café da manhã, escola, banho, barbação, horários de pátio, horários para assistir TV e DVD, atividades de lazer, esportivas, recreação, refeições, limpeza dos dormitórios, corte de cabelo, lavagem de roupas, manutenção da ordem e limpeza da unidade. Todas as atividades são desenvolvidas pelos adolescentes e monitoradas pelos agentes socioeducadores. Também lhes é oferecida a livre escolha de credo. Os horários para as visitas são estabelecidos duas vezes por semana. Os adolescentes têm o direito de fazer, por intermédio da casa, um telefonema para um familiar autorizado pela equipe técnica. Há regras específicas para os familiares estabelecidas pela equipe técnica, que determinam as autorizações para visita, inclusive para companheiras e esposas. Esta casa acolhe adolescentes em conflito com a lei vindos de todo o Estado do Rio Grande do Sul.

A abordagem do presente estudo terá por base os estudos de Goffman referentes às instituições totais. Constitui-se desta forma em um estudo teórico, que tem por objetivo compreender o cotidiano institucional de uma instituição de privação de liberdade para adolescentes em conflito com a lei. O estudo pretende também compreender, a partir da dinâmica institucional, os comportamentos dos adolescentes como: a maneira de falar, agir, as disputas de “valores”, respostas, lideranças, etc.

1 O COTIDIANO NA INSTITUIÇÃO

O comportamento institucional dos adolescentes em conflito com a lei é bastante particular e forma todo um universo interessante de ser analisado. Durante a internação são desenvolvidos certos padrões de conduta e os adolescentes vão aos poucos “dominando” a forma como devem se “comportar” em todas as situações que forem ocorrendo ao longo de sua internação. Goffman (1990, p. 17) enquadra esse tipo de instituição total como: “organizado para proteger a comunidade contra perigos intencionais, e o bem-estar das pessoas assim isoladas”.

Dessa forma, o autor destaca que este universo fechado constitui-se de uma dinâmica muito particular de funcionamento, de forma a assegurar a proteção da sociedade assim como a manutenção do controle interno.

Partindo da definição proposta por Goffman (1990, p. 11), na qual “uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada”.

No caso das instituições de privação de liberdade para adolescentes em conflito com a lei, percebe-se que elas possuem muitas características das chamadas instituições totais. Quanto ao público que atendem, que aqui é alvo de reflexão, a maioria esmagadora é de adolescentes pertencentes a grupos em situação de risco e vulnerabilidade. Filhos de famílias com dificuldades econômicas, que em sua maioria enfrentam vários problemas.

Levisky (1997) aponta a fragilidade das famílias e suas dificuldades em fornecerem o reconhecimento necessário para o processo de identificação. Os adolescentes em geral apresentam um nível de escolaridade baixo. Muitos deles estão em situação de dependência de drogas, das quais o *crack* recentemente tem sido o grande vilão. Nota-se que alguns adolescentes se destacam dentro da instituição em termos das relações institucionais, valendo-se de estratégias para conquistar e manter alguns poderes. Dentre os que se destacam, muitos acabam se tornando líderes e articuladores, geralmente não aparecendo como autores ou coautores das ações que favorecem seus interesses, mesmo que de forma distorcida e fora das regras, o que justificaria a ocultação da origem da ação.

Dentro da dinâmica institucional, como propõe Goffman (1990), a equipe vê-se no papel de quem deve manter o funcionamento das regras e o controle institucional.

A partir da polarização entre as equipes dirigentes e os internados nas instituições totais, Goffman evidenciou relações assimétricas de dominação e de controle nos espaços de confinamento. Como continuidade da discussão de duas formas de poder, a saber, o soberano associado ao feudalismo, e o disciplinar associado ao capitalismo, Foucault advertiu que o poder disciplinar implicava controle do tempo, do corpo e da vida dos indivíduos. (BESSI, ZIMMER e GRISCI, 2007, p. 84).

Nesse sentido, cabe aos agentes socioeducadores identificar e neutralizar as ações negativas desses adolescentes perante os demais, tarefa nem sempre simples já que quanto mais institucionalizado estiver o adolescente mais difícil de ser identificado como causador de danos aos demais. O interno identifica quando o tratamento é feito com respeito, consideração e dentro da justiça, bem como se há sinceridade nesses sentimentos. A arrogância, prepotência e violência sem justificativa só gera revolta, mais violência e falta de critério e controle. Goffman (1990, p. 57) estabelece que o “ajustamento secundário reflete muito claramente o processo de confraternização e a rejeição da equipe dirigente – a ‘gozação’ coletiva”.

2 SENTIMENTOS DOS FUNCIONÁRIOS E MANUTENÇÃO DO CONTROLE

O trabalho socioeducativo é bastante desgastante para os funcionários que em número reduzido de contingente sofrem um desgaste físico e mental ocasionado por diversas situações

diárias criadas pelos adolescentes. Um simples desentendimento entre dois adolescentes pode significar uma ação orquestrada para desviar a atenção do funcionário para não identificar o que está ocorrendo em outro ponto da unidade. Dependendo da situação, esta articulação pode ter uma consequência grave, podendo ser inclusive um indício latente de intenção de motim ou rebelião¹.

Segundo Goffman (1990, p. 57):

Embora o sistema de castigo-prêmio possa lidar com infrações individuais que são identificáveis quanto à sua fonte, a solidariedade dos internados pode ser suficientemente forte para apoiar gestos passageiros de desafio anônimo ou coletivo. Entre os exemplos disso podem ser citados: gritar estribilhos, vaias, batidas em bandejas, rejeição coletiva do alimento, e pequenas sabotagens. Tais ações tendem a apresentar-se sob a forma de “rebeliões”.

Em algumas unidades os adolescentes organizam-se por conta própria para solicitar idas ao banheiro em horários estipulados por eles. As solicitações são feitas e atendidas pelos agentes socioeducadores que fornecem a ida ao banheiro para a unidade toda. Não são todas as unidades que possuem essa prática; em algumas, os adolescentes utilizam os banheiros de forma mais adulta e menos atuante, ou seja, essa prática sistemática de simular a necessidade real de ir ao banheiro pode colocar o agente socioeducador como refém dos caprichos do adolescente que, muitas vezes, é flagrado simulando que está utilizando o banheiro apenas para fazer com que os agentes socioeducadores fiquem à mercê de alguns adolescentes mais infantis.

A dificuldade, evidentemente, é identificar essas situações, por isso esse tipo de atuação causa alguns problemas. O agente socioeducador que está no piso inferior deve sempre avisar quando um adolescente estiver subindo e quem estiver no piso superior deverá avisar quando o adolescente estiver descendo e o que esse irá fazer nessa troca de piso. Diariamente há a necessidade de conferir grades, contar todo o material (escovas de dentes, colheres de plástico e barbeadores fornecidos pela fundação e, em algumas unidades, esses materiais são comprados com o dinheiro deixado pelas visitas dos adolescentes; todo o material que for utilizado e devolvido em condições e número correto, como, por exemplo, os barbeadores, devem ser revisados ao serem devolvidos, a fim de confirmar se as duas ou três lâminas ainda se encontram no mesmo, etc.), procedimentos esses que garantem a segurança do local.

¹ MOTIM – é uma insurreição de grupos não homogêneos, organizada ou não, contra qualquer autoridade instituída. REBELIÃO – Motim Intentona (pejorativo), Quartelada (pejorativo), Inconfidência (pejorativo), Conjunção Conspiração Conluio Subversão insubordinação (www.google.com.br).

3 CONFLITOS ENTRE INTERNOS E EQUIPE

Os adolescentes em situação de Internação Sem Possibilidade de Atividade Externa (ISPAE) tendem a ter um alto nível de insatisfação com as rotinas, normas e privação de espaço a que são submetidos. Há situações aparentemente comuns as quais podem ocasionar desfechos delicados. Podemos citar uma situação de aparente falta de importância para o nosso cotidiano externo que culminou com o resultado de tornar-se motim: em uma unidade de internação da FASE houve um almoço em que no cardápio estava previsto haver batatas fritas em sua composição, mas estas não foram enviadas e foi esclarecido aos internos que estavam reivindicando erroneamente o cardápio. A explicação não foi aceita e a cobrança foi acalorando-se muito até culminar na instauração de uma situação de motim. Houve muito tumulto, funcionários e internos machucados e, após muita negociação, foi resolvida a situação e retomada a rotina da unidade. É claro que essas retomadas incorrem em retorno de extremo cuidado e perda de alguns espaços dos internos, a fim de que a ordem seja restabelecida.

Dessa forma, podemos ilustrar como a tensão interna dentro das instituições totais de privação de liberdade instaura uma constante insegurança mútua na convivência de internados e agentes socioeducadores. Goffman (1990, p. 60) coloca que “existe a “tática de intransigência”, ou seja, o internado intencionalmente desafia a instituição ao visivelmente negar-se a cooperar com a equipe dirigente.

O autor (1990, p. 75) refere ainda que:

Os guardas precisam estar preparados para enfrentar esforços organizados de fuga e precisam constantemente enfrentar tentativas para enganá-los, “dirigi-los” ou colocá-los em outras dificuldades; a preocupação do guarda não diminui pelo fato de saber que o internado pode fazer essas coisas apenas para manter seu amor-próprio e vencer o tédio.

4 MODOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS INTERNOS

A maioria dos internos fala: “Joguemo, pegamo, fumo, vortemo, etc.”. Apesar de grande parte desses adolescentes saber que essa não é a maneira correta de falar, incorporam esse linguajar como característico do lugar e da condição que ocupam. Nesse caso, temos bem marcado o grau de institucionalização dos adolescentes que pode ser exemplificado nas seguintes colocações: “É assim que nós falemo, palavra de ‘vagabundo””.

Podemos apontar como bastante relevante e presente constantemente na realidade da grande maioria dos adolescentes em conflito com a lei a figura do traficante. O surgimento do traficante herói é uma das consequências mais graves, em meu entender, reflexo da falta de capacidade dos governos em estabelecer uma gestão pública eficaz.

Este indivíduo aparece como salvador da pátria e influencia a vida do adolescente em conflito com a lei dentro da instituição total, colocando diferenciações de categorias por importância e protecionismo de determinados adolescentes. Dinheiro “fácil”, “proteção” para a família e um exército de “laranjas” e “aviãozinhos” (pessoas que vendem as drogas), “fogueteiros” (que avisam a chegada das drogas), etc., que se morrerem serão facilmente substituídos. Armamentos “bala” (bons), pistolas “xaropes” (muito “legais”, esses termos têm várias conotações, sempre se referindo a algo muito bom) e todos parecem estar seduzidos pela emoção e “VIDA LOCA” (vida de aventuras e muitas emoções, segundo eles).

Esse aspecto tem sido abordado por Zaluar (1994) ao referir o lugar ocupado pelo bandido herói diante dos adolescentes. A procura por um lugar, por reconhecimento, poder e força fazem com que adolescentes idealizem o lugar ocupado pelos traficantes, vendo-os como aqueles que superaram os problemas cotidianos e se colocam como símbolo do que é bem-sucedido.

Segundo Zaluar, Mouzar e Melo (2011), quando cometem alguma transgressão e são noticiados pela mídia, os bandidos sentem que seu “trabalho” foi reconhecido. Veem que sua luta contra a polícia, contra a injustiça do Estado é reconhecida. Nas favelas, esses homens viram exemplo para os mais jovens que, desprovidos de uma figura masculina positiva dentro de uma sociedade em crise, colocam na figura dos traficantes o modelo para traçar um plano de vida. Com esses homens estão as mulheres bonitas, o dinheiro, o poder. Logo cedo, as crianças identificam no tráfico uma forma de sustentabilidade dentro da sociedade que não lhes dá oportunidade de se desenvolver por meio da precária educação pública.

Dentro da realidade dos adolescentes, que incluem as instituições totais, tem-se que grande parte deles já tem filhos e alguns são HIV positivos. Expressões simplistas como: “Ninguém morre antes da hora”, “é legal roba, dona”, “estudá e trabalhá não era” (não tem nada a ver), “o bom é dinheiro fácil”, “você fala essas coisas porque ganham bem”, “nóis não temo nada, você tem tudo”. Essas falas, frequentemente colocadas pelos adolescentes, evidenciam o direcionamento de suas vidas, as fragilidades com relação ao futuro, mostrando que se encontram em um universo empobrecido, fragilizado e sem perspectiva. Sabemos que há toda uma conotação de imediatismo próprio à fase da adolescência, mas que nesse contexto

aflora de maneira intensa, uma vez que não encontram projetos que possam incluí-los nos aspectos mais positivos que a sociedade pode oferecer.

Segundo Zaluar (1994, p. 10):

Sem dinheiro e sem trabalho, os adolescentes lançam mão de outros mecanismos de obtenção de um lugar social, portando quase que diariamente armas de fogo, que são fortes símbolos visíveis do poder, e tornam-se fetiches nas cinturas de adolescentes franzinos e gatilhos mortíferos em seus dedos.

Na perspectiva de Zappe e Ramos (2010), esses adolescentes, na impossibilidade de construir um projeto de vida que culmine na conquista de um lugar de reconhecimento social, têm a dimensão de futuro praticamente anulada, e partem para a busca de prazer imediato, frequentemente através da prática de atos transgressivos (uso de drogas, armas e violência).

Outro aspecto importante que podemos destacar quanto à identificação desses adolescentes refere-se ao seu lugar no universo masculino, mais especificamente aparece com muita força uma perspectiva “machista”, que pode ser evidenciada pelas expressões: “Tem mulher que pede pra apanhá”, “O cara chega em casa com fome e não tem comida pronta, tem que dá uns tapa pra não acostumá”, “Báh! O cara qué dá uma banda (volta) sozinho a mulhé não entende, aí eu dô uma entrada na mente dela e saio, vô pro som (lugar onde tem música para dançar), cheiro, fumo, pego umas mina e volto pra casa. Ela briga comigo, não qué deixa eu entrá, aí eu faço uns carinho, prometo umas coisa e fica tudo bem”.

Quando a mulher se atreve a tentar algo parecido, até comum, pode pagar com a vida. E essas mulheres continuam sendo criadas para agirem assim e ensinarem seus filhos a reproduzirem essas situações, mas mãe continua sendo sagrada, “se vagabundo mexe com a minha eu mato”, mas, pelo visto, a recíproca continua não sendo verdadeira, pois há afirmações do tipo: “Melhor chorar a mãe dele do que a minha”, referindo-se à morte do filho, o que para uma mãe é uma situação de sofrimento extremo.

Nota-se que a maioria dos registros de nascimento é feita apenas com o nome da mãe. Os adolescentes respeitam muito suas mães, mas têm ressalva com relação a muitos pais que os abandonaram, alguns que espancam suas mães, fato interessante em sua lógica já que muitos adolescentes não aceitam o fato de terem sido rejeitados, nem traídos, muito menos abandonados por suas namoradas e esposas, utilizando-se de formas violentas de coação às mesmas, como agressões físicas e até mesmo o homicídio.

Outra situação que pode evidenciar esta relação com a figura masculina refere-se à escala para lavar as canecas e as colheres que eles chamam de “remos”. É uma forma de

organização onde o escalado lava todas as colheres e canecas dos outros em um rodízio de uma função relativamente simples. No entanto, percebe-se uma velada relação de inconformidade em exercer uma função que, na concepção dos adolescentes, estaria relacionada ao universo feminino.

5 A PERSPECTIVA ESCOLAR NO INTERIOR DA INSTITUIÇÃO

As aulas são obrigatórias e têm ordem judicial para tal. Estas são oferecidas na Fundação até o Ensino Médio. No entanto, estudos como os de Weiss e Oliveira (2001) têm apontado que as instituições de internação têm grande dificuldade de atingir plenamente seus objetivos, incluindo entre eles a perspectiva educacional, apesar dos esforços de seus funcionários, já que os períodos de internação, por exemplo, tornam o rendimento da escola pouco satisfatório, uma vez que as medidas socioeducativas podem ser de seis meses a, no máximo, três anos. Existem audiências de avaliação a cada seis meses, o que torna o tempo muito curto para se conseguir um rendimento satisfatório.

O adolescente, em geral, vem para a internação com uma escolaridade baixa. A didática precisaria ser mais adaptada com o intuito de prender a atenção desse adolescente já desmotivado.

Sabe-se que a vida na rua não incentiva a escolarização e muitos já tinham abandonado a escola antes da internação. No entanto, apesar da experiência não satisfatória em relação à escola, na internação está previsto haver formação escolar ao adolescente e que esta deve se dar da melhor forma possível, inclusive aproveitando o fato de que, enquanto internado, o adolescente está afastado das drogas e outras “tentações” que o desviem do objetivo principal que é retornar para a sociedade com uma formação melhor.

Sabemos que parte das dificuldades encontradas pelos adolescentes em suas experiências escolares resulta de um conjunto de fatores, sendo que raramente as dificuldades de aprendizagem têm origens apenas cognitivas. Nesse sentido, não seria correto atribuir ao próprio aluno o seu fracasso, considerando haver algum comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor, cognitivo, linguístico ou emocional que explique a falta de rendimento escolar, sem considerar as condições de aprendizagem que a escola oferece a este aluno e os outros fatores que favorecem a não aprendizagem. O aluno, ao perceber que apresenta dificuldades em sua aprendizagem, muitas vezes começa a apresentar desinteresse, desatenção, etc.

Autores como Spindel (1984), Zaluar (1994a e 1994b), Santos (1996) e Madeira (1997) têm evidenciado que as perspectivas sociais são, para esses jovens, cada vez mais empobrecidas; a escola é distante, ausente e carece de sentido, o trabalho, quando acontece, é sempre desqualificado socialmente ou pouco prestigiado, oferecendo pouca ou nenhuma garantia de condições de vida dignas.

Em Freire (2003) não existe “ensinar sem aprender” e com isto ele quer dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quer dizer que ensinar e aprender ocorrem de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observando a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.

6 REGRAS IMPLÍCITAS

Após fazer alguma ação não aceita pelo grupo e ficar acuado pelos outros o adolescente “se arrasta” (fica se sujeitando a algumas coisas), serve lanche para os outros, sobe antes da hora, não desce, etc. Quando identificada essa situação, os agentes socioeducadores intervêm a fim de retomar a convivência desse adolescente com os demais, tarefa que exige muita habilidade e estratégia para não comprometer todo o trabalho na unidade. Às vezes, há um descontrole do interno próximo do dia de sua saída, causando sua detenção por mais tempo, fruto de alguma atitude que cause esse dispositivo institucional, o que, em alguns casos, configura uma velada intenção de não ser solto, por vários motivos, tais como medo dos “contras” (facções rivais), desamparo da família, situação de miséria, a inexistência de parentes, não ter para onde ir, morar na rua, etc.

Em relação a este aspecto, Goffman (1990, p. 61) aponta que “podem ter a necessidade de criar problemas imediatamente antes da data marcada para sua “liberação”, o que lhes dá uma base aparentemente involuntária para continuar o internamento”. Ou, ainda, “a angústia do internado quanto à liberação parece apresentar-se, muitas vezes, sob a forma de uma pergunta que apresenta a si mesmo e aos outros: “Será que posso me sair bem lá fora?” (1990, p. 66).

Para os adolescentes em conflito com a lei a angústia existe, mas é canalizada para a presunção de que “cadeia é coisa para homem”. Já entraram e saíram tantas vezes da instituição que já estão familiarizados com tudo, conhecem cada palmo do local, sabem tudo

“curiosamente” antes dos funcionários. Em relação a este aspecto, podemos citar o seguinte exemplo: os adolescentes ensinaram para o pessoal da manutenção como estourar um cadeado, se necessário, de maneira mais fácil. A maioria dos adolescentes estabelece laços estreitos com os funcionários, mas são completamente unidos entre si, estabelecendo uma relação de cumplicidade e fidelidade em ações coletivas. Goffman (1990, p. 76) coloca que “a pessoa da equipe dirigente descobre que não tem razão para impedir a formação de uma relação afetuosa com alguns internados”.

7 CONTATO COM O AMBIENTE EXTERNO

Em dias de ligação os adolescentes ficam solicitando o tempo todo informações sobre as mesmas. Os agentes socioeducadores fornecem as mesmas informações muitas vezes até que haja êxito na conclusão. Essa situação funciona da seguinte forma: todos os adolescentes fornecem o nome dos familiares, no máximo dois números, com quem desejam falar nas ligações. Os números são enviados para a equipe técnica que avalia as situações e estabelece quais ligações serão autorizadas.

A ansiedade dos adolescentes é grande e quando o retorno configura-se como “está na caixa de mensagens”, “ninguém atende”, “está tendo uma mensagem dizendo que o número não existe”, etc., o adolescente fica insistindo e quase sempre duvida e questiona se sua ligação está realmente sendo feita. Após ser concretizada, há um tempo limite de no máximo cinco minutos para cada ligação, momento em que surgem situações que fazem com que o socioeducador marque o limite do tempo, o que geralmente desagrade o adolescente que deseja prolongar a conversa. Essas situações estabelecem relações tensas entre os internados e a equipe. Com relação a isso, Goffman (1990, p. 77) refere que “o pessoal da equipe dirigente precisa enfrentar a hostilidade e as exigências dos internados, e geralmente precisa apresentar aos internados a perspectiva racional defendida pela instituição”.

8 A SAÍDA DA INSTITUIÇÃO

As saídas externas estabelecem o retorno ao convívio social e a oportunidade de interação entre os adolescentes. O socioeducador e a sociedade esperam constatar que as atitudes dos adolescentes condigam com a expectativa de retomada das relações de confiança mútua. É claro que essa é a etapa mais difícil da internação, já que existem muitos obstáculos para que haja uma interação satisfatória. O que é oferecido dentro da instituição deve

propiciar condições de reinserção do adolescente na sociedade. Goffman (1990, p. 18) estabelece que “o controle de muitas necessidades humanas pela organização burocrática de grupos completos de pessoas – seja ou não uma necessidade ou meio eficiente de organização social nas circunstâncias – é o fato básico das instituições totais”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os adolescentes em conflito com a lei que cumprem uma medida socioeducativa são submetidos a regras e privações estabelecidas nas instituições totais. Todos devem enquadrar-se no ambiente institucional e nas regras institucionais dos dirigentes. A intenção é ressocializar o adolescente, mas a grande dificuldade é inseri-lo na sociedade com uma personalidade própria tendo sido submetido a tantas privações.

Segundo Goffman (1990, p. 56), após os internados serem acusados de terem cometido crime contra a sociedade “tendem a desenvolver um sentido de injustiça comum e um sentido de amargura contra o mundo externo, o que assinala um movimento importante na carreira moral do internado”. Esse fato contribui para o surgimento de uma grande resistência do adolescente em se tornar acessível aos procedimentos socioeducativos que lhe são oferecidos. Da mesma forma, uma constante disputa de poderes e espaços também contribui para a dificuldade em estabelecer-se a medida certa para atingir satisfatoriamente os objetivos da internação nas instituições totais.

No entanto, destacamos que compreender a instituição e as relações ali desenvolvidas constituem um caminho na busca por qualificar estas relações e aproximar os objetivos da medida a prática vivida, possibilitando a estes adolescentes ressignificar suas trajetórias de vida.

DIRECT INSTITUTIONAL CULTURES AS THE BEHAVIOR OF ADOLESCENTS IN CONFLICT WITH THE LAW

ABSTRACT:

The institutional cultures provide a series of values, attitudes and totally private living within what Erving Goffman titles total institutions. Within a prison institution for adolescents in conflict with the law, abide by social, there are all sorts of behaviors that are typical of the functioning of these institutions. Some of them will be explained in this theoretical work, seeking better understanding of everyday institutional life and its effects on adolescents.

Palavras-chave: Prison Institution. Adolescents.

REFERÊNCIAS

- BESSI, Vânia Gisele; ZIMMER, Marco Vinício; GRISCI, Carmem Ligia Iochins. **O panóptico digital nas organizações: espaço-temporalidade e controle no mundo do trabalho contemporâneo**. 2007.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 1990.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**. 27. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2003[1993].
- GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- SOARES, Dulce Consuelo R. **Os vínculos como passaporte da aprendizagem: um encontro D'EUS**. Rio de Janeiro: Caravansaraí, 2003.
- WEISS, Maria Lúcia; OLIVEIRA, Carmen Silveira. **Sobrevivendo no inferno: a violência juvenil na contemporaneidade**. Porto Alegre: Sulina, 2001.
- ZALUAR, Alba. **Condomínio do diabo**. Rio de Janeiro: Revan/UFRJ, 1994.
- ZALUAR, Alba; MOUZAR, Benedito; MELO, Alice. Bandido ou herói?. In: **Biblioteca Fazendo História discute criminalidade, violência, heróis e vilões no Brasil**. Debate, 19/5/2011.
- ZAPPE, Jana Gonçalves; RAMOS, Nara Vieira. Perfil de adolescentes privados de liberdade em Santa Maria/RS. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 2, p. 365-373, 2010.